

Danças Russas

Os povos da Rússia conservaram algumas ceremonias pagãs, aliás muito innocentes. A 24 de julho, na festa de *Koupo*, reúne-se a mocidade em torno de uma arvore decorada com fitas, e de uma meza repleta de viandas — os descantes antigos recordam a divindade *slavonna*. A festa de *Koliada* é celebrada em dezembro com descantes pelas ruas, descantes que se dirigem aos donos e donas das casas.

Os divertimentos do povo russo são muito reduzidos em numero; mas em compensação os russianos tem uma disposição natural para a alegria ruidosa, e para tudo que é ostentação, não havendo na Europa povo que dance e cante tanto como elles.

Reproduzimos uma festa de aldeãos russos reunidos debaixo de velhos carvalhos. Nada ha mais comico do que estes regosijos populares: d'um lado uma mesquinha *orchestra* faz ouvir os aspe-

ros sons d'uma viola, e os gemidos d'um guitarra rachada; graciosas mulheres rodeiam os musicos e parecem ter grande prazer com a harmonia discordante dos seus instrumentos; de outro lado, os velhos da aldeia, apoiados nos seus varapáos, assistem áquellas danças, em que as raparigas formam grupos separados, enquanto que alguns rapazes do mesmo local alegram os circumstantes com mil contorsões grotescas.

UM COMPLEMENTO

Votos d'um solitario

É certamente glorioso o povo que apresenta á admiração do mundo, nos descobrimentos maritimos, o infante D. Henrique, Bartholomeu Dias, e Vasco da Gama; nas cousas da guerra e das colonias, Affonso de Albuquerque e D. João de Castro; nas sciencias, Garcia de Horta e Pedro

Nunes; na historia, João de Barros; na poesia, Luiz de Camões; na oratoria sagrada, o padre Antonio Vieira; na religião e na virtude, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres; etc., etc.

É certamente glorioso, nos tempos que vão correndo, o povo que libertou de toda a propriedade territorial, destruindo os obstaculos que impediam a circulação de que ella é susceptivel; o povo que melhorou, ou antes transformou a sua legislação criminal, acabando até com a pena de morte, que, nem a religião — na sua pureza divina, nem a philosophia — quando bem allumiada, podiam consagrar; um povo que tem um código civil, accomodado ás tendencias actuaes do espirito humano e ás exigencias da civilisação; um povo que abriu as portas a todos os inventos admiraveis, que o genio do homem, alargando a esphera da sciencia, e dando impulso vigoroso ás artes, tem produzido no presente seculo.

É certamente glorioso o povo que arvorou a bandeira da liberdade, e á sombra d'ella vae marchando affouto no caminho do progresso.

Mas... ainda lhe falta o complemento de tantas qualidades nobres, de tantas circumstancias felizes.

O exemplo, o incitamento da Europa culta, a força irresistivel das cousas, trouxeram a Portugal melhoramentos, que só os myopes e os obcecados não vêem, ou se abalançariam a negar.

Agora começou a era dos nossos proprios esforços, tendentes, como é de razão, a apropriar cabalmente o alimento que do solo estranho havemos recebido.

Vieram de abençoadas regiões plantas e arbustos, já carregados de fructos, que nos apresámos a colher, e nos pareceram saborosos; agora é necessario dar fóros de naturalisação a essas plantas e arbustos, preparando bem o terreno para que se arreiguem, floream e fructifiquem, — preservando-as das intemperies, adubando-as e regando-as adequadamente.

Não vos lembra aquella graciosa comparação do real propheta: «Será como a arvore nova e tenra, plantada junto ás correntes das aguas, a qual dará o fructo a seu tempo»? pois assim ha de succeder ás transplantações que fizemos e houvermos de tratar.

— Que convem fazer d'or'avante? Qual complemento nos falta para assegurar e tornar permanente a nossa conquista?

Digamol-o singelamente; que mais queremos fallar á razão e bom juizo dos leitores, do que ostentar agudezas de engenho — de que aliás não fomos capazes.

É força que nos tornemos merecedores do bem que já possuímos.

Mas de que modo?

Pondo termo a dissensões politicas; cravando para sempre um prego na roda das agitações turbulentas e anarchicas; e não separando já-mais da liberdade a justiça, a ordem, e o dever moral.

Adquirindo o habito da obediencia á lei, do respeito á authoridade.

Deixando-nos repassar do virtuoso amor do trabalho, — e de invencivel repugnancia contra a indolencia e apathia.

Acostumando-nos a uma bem entendida tolerancia de opiniões e de sentimentos, em tudo

quanto não offende os fóros da razão e os dictames da justiça, em tudo quanto não tender a transtornar a organização da sociedade livre e independente.

Contraindo cada um de nós o habito salutar de conformarmos os nossos actos com as inspirações da consciencia, e de nos abstermos de tudo o que estiver em desharmonia com a dignidade do homem.

Evitando, nas cousas da governação do Estado as despesas de luxo, as de mera ostentação, as superfluas, as improductivas; de sorte que já-mais possam ser vexatorios e oppressivos os encargos dos contribuintes. Uma discreta economia aproveita em summo gráo ás nações, do mesmo modo que salva da miseria as familias, ou lhes augmenta os cabedaes.

— Essas leis e regulamentos geraes, que hão sido promulgados, talvez com demasiada profusão; a acção tutelar dos governos; a intervenção incessante dos poderes publicos nos destinos dos povos: tudo isso faz crer a muitas pessoas, que o individuo deve cruzar os braços, — recostar-se descuidado no batel que suavemente vae seguindo a corrente do rio, — e gosar as doçuras do brando e molle *far niente*...

Não é assim. Cada individuo deve cuidar da sua propria reforma; cada individuo deve contribuir com o seu contingente de esforços em beneficio da communidade: do complexo d'essas diligencias, na ordem moral, e na ordem politica, é que ha de resultar a verdadeira prosperidade dos povos, sob a direcção de bons governos.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

OS ANOS DA MINHA AVÓ

(Continuado de pag. 89)

III

Ernesto de Valladares escreve-nos ainda

«MEU BOM AMIGO. — Ha para os caçadores um deleite só apraciavel pelos que se iniciam nos mysterios d'aquelle augusto vicio. É correr montes e valles, subir serros, cortar planicies, descer outeiros, transpor vallados, vencer obstaculos, encurtar rodeios, vadear regatos, fazer gymnastica sobre as alpondras das ribeiras, suar, fatigar-se, morrer de cansaço atraz de uma peca de caça... muitas vezes imaginaria, e que, ainda no caso de ter uma existencia real e chegar a colher-se ás mãos, não vale materialmente a terça parte do trabalho que custou, ainda quando avaliemos em muito pouco os nossos passos.

«Na minha primeira carta, fiz eu como os caçadores, afadigando-me debalde em uma caçada á minha propria pessoa, enredando-me em caminhos transvios, sem seguir na estrada direita da narrativa que me comprometti a fornecer-vos para acepipe dos vossos leitores.

«Vou remediar o mal, se ainda é tempo e se o enjão de umas theorias pouco orthodoxas talvez, vos não afugentou de todo o desejo de seguir a minha historia.

«A morte de meus paes, como sabeis, deixou-me no coração um vasio, que a amizade de minha avó não sabia preencher. Quiz então completar a minha existencia e buscar n'essa chimera que se chama amor o complemento da vida que me faltava. Estatuário da imaginação,

creei a minha divindade, dotando-a de todos os encantos, á similitude do auctor apaixonado, por que os deuses compadecidos fizeram baixar do olympo o fogo celeste que deu vida ao marmore frio.

«Menos feliz porém que o legendario escultor, eu não tive raio divino que me animasse a imagem creada pelo cinzel da minha phantasia; e quando em formas concretas a accitei sob o aspecto de uma formosa mulher, que não fôra vivificada por minha supplica, nem nascera das minhas mãos como a obra de Pygmalião; essa mulher deixou-me vér, após curto tirocinio de enlevos, de anhelos e de decepções, que Deus a formára de barro, do barro vil e fragil da pobre humanidade; e que se de marmore lhe dera alguma parte... era o coração.

«Despedacei o idolo, mas despedaçando-o... despedaçava-me a mim proprio. As creanças também quebram raivosas os seus brinquedos, chorando de os partirem! Eu era como as creanças e as lagrimas marejavam-me os olhos ao ser iconoclasta do meu idolo querido.

«Entrei assim tão novo no mundo com o coração morto.

«N'uma época em que todos se ufanavam de ser scepticos, em que, mal desmamados ainda, alguns enquiçados litteratos escreviam em versos horripilantes, ou em prosa mais horripilante ainda, o seu manifesto solemne de inabalavel, de fundo, de convicto scepticismo, eu, de receoso de me confundir com elles nem sequer no mais pequeno indicio, calei bem no intimo do peito o que soffria e entrei no pelago revolto da sociedade, ostentando as mais ingenuas apparencias de um ser desprerencioso, sem denunciar, já não digo scepticismo, que o termo é pomposo de mais para explicar tão pequena cousa, mas nem o menor vestigio d'esse estado de desalento, de frieza, que me enregelava o espirito, e m'o deixava adormecido ainda mesmo no contacto das mais provocadoras mulheres.

«Este estado era excepcional, eu bem o sabia; via-me perfeitamente no meu espelho intimo, e sorria de piedade de mim proprio, perguntando que sol luziria no meu horisonte para desfazer os gelos que assim tão cedo se me haviam accumulado em torno do espirito.

«A inercia do coração, explicava a actividade de outras ambições, que sentia desenvolverem-se dentro em mim; mas, ou fôsse excesso de orgulho, ou falta de iniciativa, esperava que os sonhos das minhas ambições viessem submissos para mim, sem eu ter o trabalho de ir para elles! Não vi que o dextro cavalleiro doma o corcel fogoso, subjuga-o, domina-o, e dirige-o então obediente e docil, e quiz que o cavallo selvagem e indomito viesse rojar-se-me aos pés para eu o cavalgar tranquillamente. Erro!

«A occasião passou, após ella passaram mil outras, que nem sequer tinham a necessidade de serem calvas, porque eu, de convencido do meu direito de esperar a fortuna na cama como o homem de Lafontaine, nem sequer estendia o braço para as segurar pelos cabellos, depois de ellas passarem.

«Cada dia que deslisava era um passo que eu dava para traz no caminho das ambições; ou, por outra, era um passo que os outros davam ávante, ficando eu no mesmo ponto. Via a dis-

lancia que me separava d'elles, e desalentava-me; depois vinha animar-me a esperanza de que um ligeiro hypogripho, fortuitamente ajaezado para meu uso, me faria vencer n'uma vertiginosa carreira todo o caminho que me ficava por percorrer. Vinha o hypogripho; mas outro mais audaz ou mais dextro cavalgava-o, enquanto eu esperava; e de novo mais profundo desanimo me confrangia o espirito, até vir outro lampejo de esperanza, coroado por nova decepção, n'esta constante e irrisoria alternativa.

«Só um sentimento vehemente me poderia despertar d'esta especie de somnambulismo. O amor é a corrente electrica, que excita as fibras musculares do coração adormecido. A minha cura devia ser prompta e radical: nunca a medicina se apresentou mais completa.

«Minha avó, cuja amisade representava para mim na ordem dos sentimentos o mesmo que a lampada acceza em frente do sacrario representa em relação á iluminação geral do templo: luz nunca extincta, mas insufficiente por si só para dissipar as trevas do recinto sagrado; luz tibia e frouxa, que reflecte sobre as lageas tumulares da nave sombras phantasticas e que não se derrama em esplendores pelas abobodas do sanctuario!

Esta luz do inverno da vida, prenuncio dos gelos do tumulo, era insufficiente, de certo, para me guiar na senda da existencia, bruxuleava muito pallida e amortecida para poder servir-me de pharol.

«Quero muito a minha avó; mas sem fervor nem enthusiasmo. Sei que havia de soffrer um grande golpe com a sua morte, e comtudo amo-a do mesmo modo como depois d'ella amaria o seu cadaver.

«Respeito-lhe a figura veneranda, a aureola argentea das cans finissimas, lisas, sympathicas que lhe emolduram as faces mirradas e rugosas; o seu olhar, sereno, melancolico e frouxo, é todo de affabilidade e meiguice para mim, mas é uma caricia e uma doçura sem vida, quasi como a que se dispensa a um animal domestico.

«Nem os meus triumphos na vida a enthusiasmaria, nem compreenderia dos meus revezes senão o lado utilitario, a perda material.

«Soffrimentos de amor, enfermidades d'estas que marasmam o espirito, não as poderia avaliar o seu coração, que, se pulsou outr'ora, no verdor da mocidade, viu estalarem lhe uma por uma as fibras do sentimento, sob a pressão dos gelos de perto de oitenta invernos.

«E era esta toda a minha familia, e era este o unico ser do sexo feminino com quem eu entretinha um commercio de affeições. Seria muito para o meu respeito e veneração filial, mas é de certo mui pouco para a ardencia dos meus vinte annos, que, embora sepultada nas cinzas, deixam no intimo, inextinguivel, a chamma que alenta a juventude.

«Deixae-me findar aqui a minha segunda missiva, que amanhã tomarei alentos novos para proseguir no meu romance, que começa agora. — Vosso, *E. de Valladares*.

(Continúa)

C. B.

O que diz a miudo: A usura é um peccado; não tem ouro. Mas o que diz a usura não é peccado, não tem Deus.

ESTUDOS SOBRE A LINGUA PORTUGUEZA

Conjugação do verbo *ser* conforme se encontra nos escriptores da primeira Dynastia

MODO INDICATIVO

Tempo Presente

Eu	sum	(Ineditos d'Alcobaca)	?
»	ssom		1274
»	son		1304
»	som		1303
»	soon		?
»	soom		1315
»	ssoom		1315
Tu	es (1)		?
Elle	he		1222
»	est		1259
»	e		1260
Nos	sumus		1270
»	somos	(Ineditos d'Alcobaca, 1. ^o)	?
Vos	sodes		1303
»	soes		?
»	seedes	(Ineditos d'Alcobaca, vol 1. ^o)	?
Elles	sunt		1260
»	som		1303
»	son	(Vem no Cancioneiro do Collegio dos nobres. Madrid 1849.)	
»	sam		1305

Imperfeito

Eu	era		1222
		A 2. ^a pessoa d'este Imperfeito ainda não a encontrei: o tratamento de Tu era rarissimo n'aquella época, predominando o de Vos.	
Elle	era	(Cancioneiro de D. Diniz)	?
»	seerá	(Ineditos d'Alcobaca)	?
»	eramos	(Livro das Linhagens nos Monumenta Historica)	?
»	erades	(C. de D. Diniz)	?
»	seeram	(Ineditos)	?
»	sijan	(Ineditos)	?
»	siam	(Ineditos)	?
»	erom	(Ineditos)	1303

Preterito Perfeito

Eu	fuy		?
»	ffuy		?
Tu	foste	(Tradução de Santo Isidoro no Comm. Ms Alcobaliae. Per Fr. Fortunato de S. Boaventura)	?
Elle	foe		?
»	floe		?
»	fui	(Todos estes exemplos veem nas Dissertações referidas).	?
»	foy		?
»	ffoy		?
»	fou		?
Nos	fomos		?
Vos	fostes	(Cancioneiro do Collegio dos Nobres).	?
Elles	forom	(Elucidario).	?
»	furum		?
»	forum		?

(1) Este exemplo de *es* 2.^a pessoa encontra-se no 1.^o vol. dos *Ineditos de Alcobaca*, publicados por Fr. Fortunato de S. Boaventura. Não é possível assignar-lhe data.

Preterito mais que perfeito

Eu	fora		?
		A 2. ^a pessoa do singular tambem ainda não encontrei.	
Elle	ffora		?
»	fora		?
		A primeira do plural tambem ainda não a encontrei.	
Vos	forades		?
Elles	foram		?
		<i>Futuro Imperfeito</i>	
Eu	sercy	(Cancioneiro de D. Diniz)	?
		2. ^a Tambem não tenho encontrado.	
Elle	seerá		?
»	será		?
		1. ^a do plural não foi encontrada.	
Vos	seeredes		?
Elles	serom		1271
»	seeram		?

Condicional

Eu	seeria		?
		2. ^a não foi encontrada	
Elle	seeria		?
		1. ^a , 2. ^a e 3. ^a do plural não foram encontradas.	

Imperativo

Tu	sey		?
»	sè		?
Vos	seede		?
»	seede	(Cancioneiro de D. Diniz)	?

CONJUNCTIVO

Presente

Eu	seia		?
		2. ^a não foi ainda encontrada.	
Elle	sia		?
»	seja		?
»	seija		?
»	seya		?
		1. ^a do plural não foi encontrada.	
Vos	sejades		?
Elles	sejam		1264
»	seiam		?
»	sseiam		?
Elles	seem		?
»	sejam		?

Imperfeito

Eu	fosse		1254
		2. ^a não encontrei ainda.	
Elle	fosse		?
Nos	fossemos		?
Vos	fosedes		?
Elles	fossem		?

Futuro

Eu	fôr		?
		2. ^a não encontrei.	
Elle	for		?
Nos	formos		?
Vos	fordes		?
Elles	forem		?

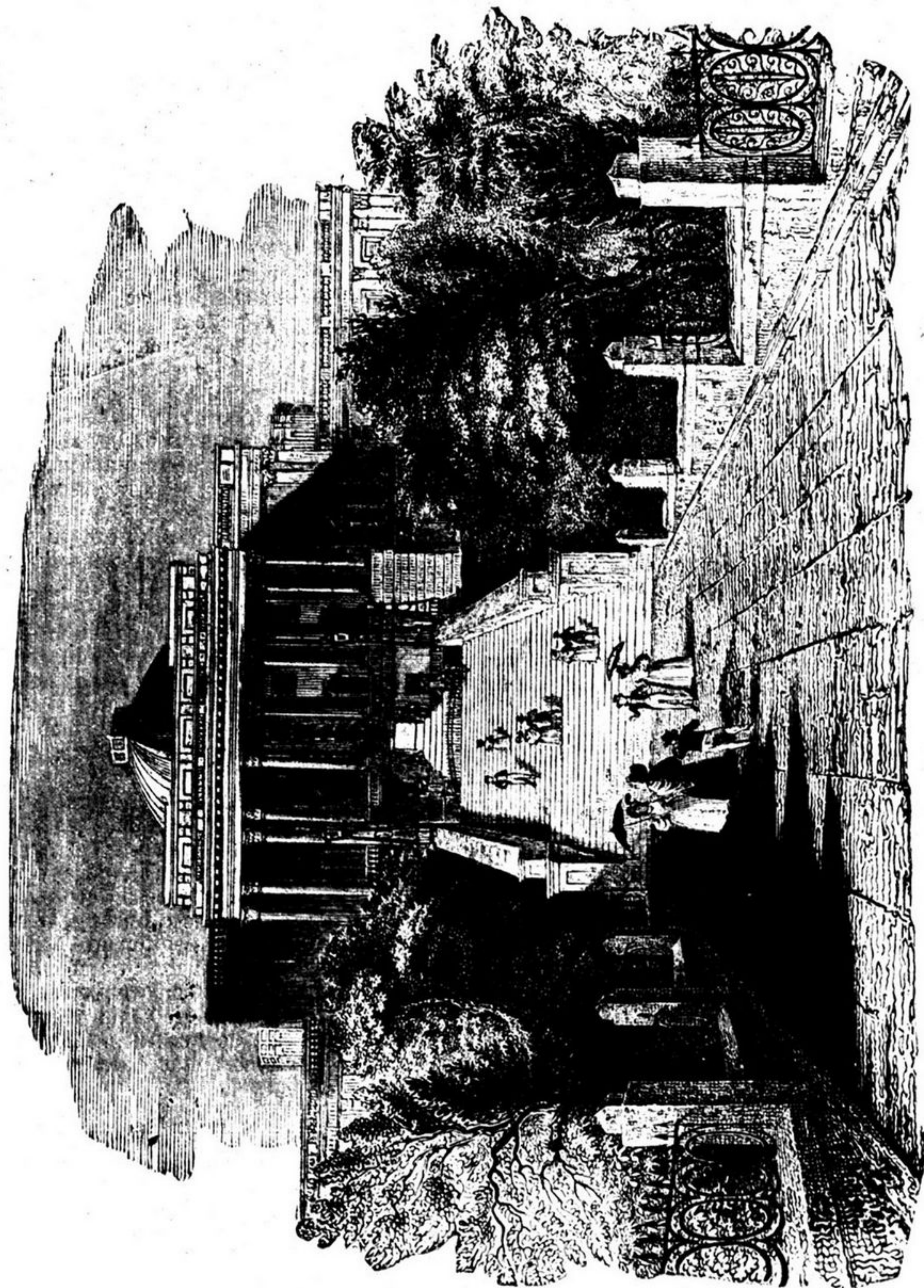
Infinito

Seer	?
Ser	?
Seeres	?
Seer	?
Sseer	?
Seermos	?
Seerdes	?
Seerem	?
Seendo	?
Sendo	1285
Seente	1266

N. B. Estes exemplos acompanhados de data são extraídos dos documentos appensos ás Dissertações de João P. Ribeiro.

Os outros foram encontrados nos Cancioneiros de D. Diniz e do Collegio dos Nobres, no Commentario aos Manuscriptos de Alcobaça por Fr. Fortunato de S. Boaventura, e nos Ineditos de Alcobaça pelo mesmo auctor, e nos escriptos em portuguez publicados pela nossa Academia nos Monumentos Historicos, e alguns tambem colhidos no Elucidario do padre Viterbo.

M. BERNARDES BRANCO.



O capitolio em Washington (Estados-Unidos)

Entre o Marylande e a Virginia ha um territorio pertencente a toda a União, e conhecido sob a denominação de *District federal* ou de *Columbia*; e é a mais pequena das divisões politicas e

administrativas da confederação. No centro eleva-se a cidade que tem o nome de Washington; a sede do governo central foi para ali transferida em 1901. Esta cidade, construída sobre as margens do *Potomak* é de *l'Eastern Branch*, estende-se a perto de quatro milhas sobre cada um dos seus rios, e é reconhecida geralmente por uma das melhores da America pela pureza do ar e pela belleza do paiz. Entretanto, debaixo do ponto de vista politico, Washington é a cidade da União a menos favoravelmente collocada, a qual não conta mais de dezoito a vinte mil habitantes, e Georgetown, que é como um suburbio, tem apenas oito mil almas.

O plano, traçado por um francez, o major *l'Enfant*, reunia a um elevado gráo a commodidade, e regularidade, a belleza de perspectiva e a livre circulação de ar. Antes de se pôr em pratica tinha-se determinado a posição dos diversos edificios publicos, taes como hoje se constroem, nos terrenos mais vantajosos; todos dominam vistas muito agradaveis e a sua posição torna-os susceptiveis dos accessorios que em seguida poderia exigir a utilidade ou o embellezamento. A vasta area de Washington, traçada para uma cidade dez vezes mais populosa, com extensas ruas, de oitenta pés de largura, com os habitantes separados em alguns bairros por grandes espaços deshabitados, ou por campos lavrados, fazia-a iam antes tomar por uma colonia nascente que a capital de um estado populoso e florescente. O capitolio é um immenso e sumptuoso edificio sobrepujado de tres zimbórios, edificado com cantaria, cuja cor amarellada não tem nada de desagradavel á vista. É em duas das suas espaçosas salas que se reúnem a camara dos representantes e a do senado; n'uma outra têm logar as audiencias do supremo tribunal dos Estados-Unidos, e n'uma quarta está a bibliotheca nacional. O capitolio foi incendiado em 1814 pelos inglezes, que se portaram como vandalos quando tomaram Washington; mas saio depois das suas cinzas mais rico e mais vasto que era n'aquella época.

O arsenal da marinha é um dos mais bellos estabelecimentos de Washington. No centro da entrada principal ha uma columna rostral que erigiram para perpetuar a memoria dos marinheiros americanos, que pereceram n'um glorioso combate em frente d'Alger. Os inglezes diligenciaram destrui-la a golpes de sabre (!) e os americanos não só não procuraram apagar os vestigios das cutiladas, mas mandaram gravar ao baixo do monumento esta severa inscripção: «*Mutilado pelos inglezes, em 1814!*»

ORIGENS DA POESIA HELLENICA

O HYMNO, A EPOPEA E O DRAMA (I)

por **Emilio Burnouf**

(Continuado de pag. 86)

Seja-nos permittido citar, entre muitos, um exemplo tirado da lenda de Hercules: este mytho reúne duas condições notaveis; é um d'aquelles cuja origem asiatica é conhecida, e em que os gregos, localisando-o no seu paiz, imprimiram com mais vigor o cunho do seu proprio genio.

Entre os mais antigos fragmentos attribuidos a Hesiodo, ha um, de quatro centos e oitenta versos, em que se narra a lucta de Hercules e

de Cyenos. Este Cyenos, não é, como se poderia suppor, um cysne; é um personagem cujo nome não é grego, e que o Veda traz muitas vezes. Os hymnos da colleção indica cantam mais d'uma vez o mesmo combate n'uma poesia de que encontramos alguns traços no fragmento citado de Hesiodo.

Todos sabem que o Hercules grego é um personagem solar indetico ou muito analogo ao Indra dos Orientaes; e Cyenos é *Çushna* (o secco) ou a força que conserva a agua nas nuvens e produz a secura e a esterilidade. A lucta de Hercules e d'este demonio representa a lucta do sol com aquella força que, quando é vencida, origina a queda das aguas sobre a terra.

Cyenos, filho d'Arès, montado com seu paé n'um carro, sublevava a poeira e infestava os bosques sagrados. Apollo, irritado, lança ao seu encontro Heraclès com o seu fiel automedonte Iolaus. Pucha ao carro o immortal cavallo Arion (1) (em sanscrito Arwan.) Heraclès leva por armadura um escudo divino que o deve tornar invencivel. O encontro dos dois rivaes foi no pino do verão:

«Quando a cigarra sonora com as suas azas negras, posta n'um ramo verde, principia a cantar aos homens a estação ardente, a cigarra que bebe e come o orvalho fecundo, e que, desde a aurora e durante o dia, faz ouvir a sua voz nos grandes calores, quando Sirio secca a pelle dos homens, . . . então o filho de Deus, Iolaos, apostropha energicamente os seus cavallos; á sua voz partem, arrebatam precipitadamente o rapido carro, e levantam a poeira da planicie. A terra geme sob o seu peso. Foi assim que os rivaes avançaram um para o outro, semelhantes ao fogo e á tempestade. Os cavallos ao aproximarem-se relinchavam e os seus gritos agudos e estridulos iam ao longe quebrar-se e perder-se.»

Provocam-se os inimigos, descem dos carros, e arremessam-se um contra o outro como dois rochedos que rolassem do alto das montanhas. Cyenos não poudé atravessar com a sua lança o escudo de bronze do adversario; mas a lança de Heraclès ferio-o na garganta e prostrou-o por terra sem vida.

— Vejamos agora um dos hymnos do Veda:

«Indra tomou a aljava e as frechas . . . Tu feriste com a tua arma o bandido carregado com a presa. *Çushna* ousára lutar contra os deuses. Indra, do alto dos ares, á face do céu e da terra, em pé no teu carro, firme e terrivel, tu sopraste sobre aquelle miseravel desgraçado. . . Elle tocou com o raio aquellas nuvens que não chegavão do céu á terra e que parecião envolver nos seus véos magicos o bandido rico com aquelles despojos. Com um raio de luz fez jorrar o leite das vacas celestes. Já as aguas corriam a par dos

(1) Toda a historia d'este cavallo mythologico, cujo nome é no Veda commum a todos os cavallos, foi localisada pelos gregos primitivos no centro da Arcadia. É ahi que estão os grandes montes Aorianos e o rio que tem o mesmo nome, e que se lança no Ladon, affluente do *Alphèo*: foi nas margens do Ladon que nasceu, de Neptuno e de Demeter, Arion, o cavallo primitivo, que com o nome grego de *Chrysaor* foi tomado por symbolo de todos os animaes fluviaes.

N'uma gruta das margens do *Alphèo* havia uma velha estatua de madeira representando Demeter com cabeça de cavallo, e tendo no corpo pintadas as figuras de muitos animaes. A philologia comparada descobriu a origem arya do nome d'Arion deu-nos a chave de toda esta lenda.

nossos desejos. Indra por muitos dias anniquilou as esperanças do mau; fez pedaços a porta da caverna onde elle encerrara as aguas; e arrasou os seus castellos aereos. Pôz por terra Cushna e vendo o seu rival vencido, entregou o seu espirito á alegria.»

Citaria tambem de bom grado a lenda arcadica do Styx. Vi aquelle ribeiro que cõe dos montes nevados da Nonacria, em alta cascata, no fundo d'uma garganta esteril, formando uma fita d'agua sempre corrente, mas que se evapora na queda, e não chegando ao fundo fica nos ares fluctuante sem perturbar com o seu ruido o silencio d'aquella solidão. Vi tambem o riacho esbranquiçado e mephitico que serpeia no fundo do valle, e a praia por onde elle se lança no mar que o recebe sem com elle misturar as suas aguas.

Oicamos Hesiodo:

«Ali mora uma deusa horrenda aos mortaes, a tenebrosa Styx, filha mais velha do inquieto Oceano. Longe dos deuses tem ella o seu palacio esplendido recoberto de immensos rochedos e sustentado no alto dos ares por mil columnas de prata. D'uma rocha alta e illuminada pelo sol mana uma corrente de agua fria. A onda sagrada d'esta fonte oceanica durante a noite desaparece em grande parte sob a terra; a decima parte evapora-se, as nove restantes rolam em ondas prateadas sobre o solo e no dorso immenso do mar. Quanto a ella derrama-se na solidão dos rochedos.»

Lida em plena Arcadia, uma descripção tão exacta como esta, em que o mytho está confundido com a realidade, explica-nos bastantemente porque é que os antigos gregos immobilisaram na garganta d'aquella montanha uma das suas mais antigas recordações. A tradição que ella recordava pertence a toda a raça arya; mas cada povo a localisou differentemente; os Indios no triplice Ganges (Ganjã) rio celestre, terrestre e infernal; os Medo-Persas na fonte sagrada de Ardonisour; os Gregos na do Styx. A doutrina de Otfried Muller deve, portanto, modificar-se no ponto em que elle attribue aos gregos a creação expontanea dos mythos religiosos. Os gregos não os crearam, localisaram-nos nos sitios que para isso lhes pareceram mais proprios. Este processo, seguido por elles, foi-o tambem por todos os povos da nossa raça, desde o extremo Oriente até á Scandinavia; mas a fonte primitiva é a mesma para todos, e é nas margens do Oxo que a vemos procurar.

Acontece o mesmo com as primeiras formações litterarias, que não foram absolutamente expontaneas na Grecia como Muller pensava. Não podemos fixar as épocas do principio e do fim da poesia grega, nem tão pouco a duração do seu periodo primitivo. Quando cada um dos povos aryas deixava o centro Asiatico, levava consigo os costumes antigos que eram communs a toda a raça; entre elles ha um, o mais antigo nas suas tradições, são os sacrificios no fogo e o canto que os acompanhava. Este canto medido e rythmico, é o *hymno*, palavra que não tem significação etymologica em grego, mas que significa na sua forma vedica (*sumna*) o pensamento bom e bello, isto é, a expressão do pensamento por excellencia. A presença d'essa palavra no grego mais antigo prova que os aryas do Oxo compu-

nham hymnos antes da partida das imigrações hellenicãs e indicas.

Eram, portanto, estas composições feitas na lingua commum antes de o serem nas mais modernas.

Com o tempo perdêram-se todos os hymnos, tanto os antigos que trouxeram as emigrações gregas, como os que ellas compozeram. Nos sanctuarios da Grecia conservaram-se alguns até aos seculos da decadencia.

A India, porém, conservou os seus, e é assim que o Veda é o monumento aryo, que nos faz ver mais de perto as nossas origens; os seus hymnos pôdem considerar-se como os typos dos cantos sacros de todos os povos da nossa raça, e como a verdadeira Escriptura sagrada do Oriente e do Occidente. Encontra-se ali uma grande variedade de formas, desde a litania cortada pelos estribilhos, até á narração epica e ao dialogo como depois o encontramos realisado em grande na tragedia.

Por consequencia é no Veda que acharemos os primeiros germens d'onde nasceram os generos litterarios, e do estudo d'elle conclue-se que aquellas formas, quasi embryonarias, existiam já muito antes das primeiras fundações hellenicãs.

As tradições gregas, relativas aos primeiros poetas dos hymnos, não tem caracter algum historico, e seria uma tentativa pueril querer determinar, como Muller, os tempos e os logares em que elles poetaram. Encontramol-os na fabula onde tem uma posição bem definida; a maior parte d'elles, senão todos, são seres ficticios ou symbolos em cuja realidade não podemos crer. No Veda vemos que os auctores dos hymnos eram homens divinos, *sacerdotes*, mas só emquanto exerciam as funcções religiosas.

Nos tempos primitivos, cada chefe de familia escolhia um terreno plano, fechava-o com um cerrado de madeira, e no meio d'esse espaço levantava um pequeno comoro de terra de forma quadrangular, *bomos* (em sanskrito *Bhumi*); era esse o altar que o pae construia para si e para os seus. O chefe de familia era considerado poeta como auctor do canto sagrado, e pontifice pelo facto de apresentar ao fogo do altar a offerta em nome de toda a familia.

Terminada esta cerimonia separavam-se e iam exercer as suas funcções sociaes na guerra, na lavoura, na guarda dos rebanhos, nos officios. Porém, com o progresso dos tempos, tomando maior desenvolvimento a divisão do trabalho na sociedade, veio a haver sacerdotes como antes havia lavradores, artistas e guerreiros, e o sacerdocio perpetuou-se em certas familias. Os gregos muito cedo edificaram templos onde conservavam as imagens de madeira ou de pedra de divindades que a sua imaginação revestia de formas bem definidas. Commetteram-se estes edificios á guarda de certos individuos que receberam o nome de hierophantes; o hymno entrava no numero das suas obrigações e por isso foram elles os seus auctores e conservadores officiaes. Como os sacerdotes da Grecia não formaram nunca nem uma casta, nem um clero, a falta de jerarchia sacerdotal não deixou que os hymnos saíssem dos sanctuarios isolados. A lingua archaica em que elles eram escriptos foi-se tornando de dia a dia menos intelligivel e esses cantos acabaram por se perder completamente. Estas poe-

sias tão antigas não tiveram por si nenhuma causa de duração, antes, pelo contrario, tudo pareceu combinar-se para as destruir.

Nas tradições e na historia da Grecia encontram-se alguns nomes em que parecem personificar-se as diferentes correntes da poesia dos hymnos, as escolas ou familias sacerdotaes mais celebres dos primeiros tempos. Pela etymologia nenhum d'esses nomes é grego: eil-os, Olen, Marsias, Hyagnis e o nome commum dos corybantes da Phrygia. De todas estas legendas, a que teve maior celebridade foi a de Orpheo. Orpheo era considerado o creador da musica e da poesia. Hoje está averiguada a sua origem asiatica, e sabe-se que nem Orpheo, nem o seu nome, são da Grecia. Esta, pela sua tendencia para humanisar tudo, transformou a pouco e pouco os pormenores da legenda e deu a feição do seu modo de sentir ao que era primitivamente um symbolo mystico. Foi o que aconteceu tambem com o pio Canwa-Mèdhya de que ella fez Ganymedes. Orpheo é o Ribhous dos hymnos do Veda. Como homem era um antigo iniciador religioso: repartio em quatro o vaso do sacrificio, isto é, substituiu o pae de familia por quatro sacerdotes e por este facto instituiu o culto publico, rejuvenesceu os seus paes, e resuscitou, não sua mulher, mas a vacca morta, isto é, a cerimonia sagrada: enfim, estabeleceu o sacrificio da tarde. Esta vacca, offerta pia, chamada muitas vezes no Veda a esposa do sacerdote, veio a ser depois a de Orpheo, cheia de mocidade, morta em consequencia de ter sido mordida pela serpente inimiga dos deoses, resuscitada pela força da prece e do canto sacro, perdida outra vez, e finalmente recebida no céu com Orpheo que gosa junto d'ella d'uma eterna mocidade entre os deuses. Como se vê, esta legenda é mais antiga do que os indios e os gregos, e anterior ás épocas em que uns e outros deixaram o berço commum da raça arya.

Todos estes factos só foram conhecidos depois da morte de Otfried Muller.

O nome de Orpheo tornou-se o symbolo da poesia primitiva. Quando elle foi feito em pedacos na Thracia pelas mulheres (já irritadas contra elle no hymno vedico de Dirghatamas) a sua bocca ainda fallava e cantava; e a cabeça, levada sobre as ondas, deu origem nas ilhas do mar Egéo á poesia lyrica e a uma escola que se tornou celebre.

Estas idéas são gregas, a lenda desde este momento está localisada: mas Orpheo, a resurreição e a apotheose d'Eurydice, a força da magia que actua até nos seres inanimados, a revolta das mulheres que estavam ao serviço de Baccho, deus do licor sagrado, a dispersão dos membros d'Orpheo e a sua queda na agua, os melodiosos sons que ainda vibra a bocca divina do cantor: todos estes pormenores da lenda não tem nos mythos da Grecia nenhuma significação intelligivel, entretanto que por si proprios se explicam nos textos do Veda. Por isto se vê até que ponto é vã a opinião da escola historica que imagina achar Orpheo nas poesias alexandrinas ou n'um livro apocriphe de Aristoteles. É evidente que se algum dia existio um homem com o nome de Orpheo, não fallava nem o grego nem o sanskrito, porque se expressava n'uma lingua muito mais antiga, e d'onde estas duas se derivaram.

(Continua)

DA MARINHA A VAPOR PORTUGUEZA, TANTO DE GUERRA, COMO MERCANTE

(Continuado de pag. 90)

Passarei a fallar nos vapores de guerra. Os que possuímos são os seguintes:

		Toneladas	Força de machina (cavalos)
Corveta	D. Estephania ...	1500	400
»	Bartholomeu Dias	1240	400
»	Sagres	1047	300
»	Sã da Bandeira ..	1000	200
»	Infante D. João ..	800	150
»	Duque de Palmella	800	150
»	Duque da Terceira	1000	150
Vapor	Mindello.....	700 ?	200
»	Zarco	400 ?	100
»	Zambesia.....	40 ?	16
»	Lince	300	60
»	Argos	300	60
Escuna	Maria Anna.....	400	160
»	Barão de Lazarim	260	60
Canhoneira	Rio Minho.....	200	50
»	Rio Tejo.....	200	50
»	Rio Guadiana....	200	50
»	Camões	100	40
»	Principe real....	400	40
Rebocador	Rebocador.....	150	100

Eis o que possuímos n'este genero: e nenhuma esperanza ha de augmentar este numero, apesar da exigencia do serviço na costa de Portugal, da emigração clandestina nos Açores, do trafico da escravatura na Africa, e da pirateria na China!

Comtudo nunca Portugal possuiu tão grande numero d'estes vasos: apenas teve mais o *D. Luiz*, comprado em 1847, que actualmente serve de deposito no Tejo; o *Terceira*, servindo hoje de registro; o *Conde de Tojal*, que se desmanchou; o *Duque do Porto*, que naufragou na barra do Porto, e o *Duque de Saldanha*, naufragado na costa de Aveiro. Houve mais tres inglezes a serviço de Portugal no tempo da guerra entre D. Miguel e D. Pedro, o *George IV*, o *Soho*, que em 22 de setembro de 1833 trouxe a imperatriz para Portugal, e o *Citz of Waterford*.

— M. BERNARDES BRANCO.

Um dia, M. de la Condamine, passando pelo gabinete de M.^{me} de Choiseul, no momento em que ella estava fazendo a sua correspondencia, approximou-se demansinho para ler o que se estava escrevendo. M.^{me} de Choiseul, percebeu e continuou a sua carta, accrescentando: «Dir-vos-hia muito mais, se M. de la Condamine não estivesse por detraz de mim, lendo o que escrevo.» — Ah! M.^{me}! exclamou la Condamine, nada mais injusto! Asseguro-lhe que não li.

O ouro do novo mundo arruinou o antigo.

A lisonja é como a sombra; não nos faz nem maiores, nem mais pequenos.